

# CADERNO JENEPS - 2021

**E D U C A Ç Ã O** M J F K C L D

B X Z L G U E Ç **S O C I A L**

D E W Q Z V C U H F N L O P

**E N T R E** G E C **A** B U S V U S

W X R F A P G Y K D J K U D

D H U D U J W **P A N D E M I A**

Y S **E ( O S )** X H T S H I D W Y E Y

G Q X V A R E I O E U D J I W

**P A N D E M Ô N I O ( S )** J H

Y E W Q Z V C U H F N L O P T

**PPGedu**  
processos formativos e  
desigualdades sociais

**FORA**  
DA SALA DE AULA



## **EXPEDIENTE**

### **Editor Corporativo**

Dr. Arthur Vianna Ferreira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

### **Corpo Editorial**

Dra. Adriana de Almeida – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dr. Arthur Vianna Ferreira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Bruna Molisani Ferreira Alves – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Denize Sepúlveda – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Edith Maria Marquês Magalhães – Universidade Iguacú – UNIG – RJ

Dra. Elaine Ferreira Rezende de Oliveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Eloiza Gurgel Pires – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dr. Érico Machado Ribas – Universidade do Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Dra. Flavia Alves de Sousa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Helenice Maia – Universidade Estácio de Sá – UNESA – RJ

Dra. Heloisa Josiele Santos Carreiro – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Jacyara da Silva Paiva – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Me. Marcio Bernardino Sirino – Universidade Castelo Branco – RJ

Dra. Marilene Antunes Sant’Anna – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dra. Patricia Elaine Pereira dos Santos – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Me. Patricia Flávia Mota – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Dra. Veronica Muller – Universidades Estadual de Maringá – UEM

### **Diagramadora**

Mariana Nogueira Rodrigues – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

### **Revisor**

Filipi José da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

## APRESENTAÇÃO

Pandemia e Pandemônios...

Entre uma realidade, real e imaginária, construímos a V (web) Jornada de Educação Não Escolar e Pedagogia Social – JENEPS – de 2020. Foram mais de 250 pessoas e 86 trabalhos apresentados ao longo de dois dias de atividades no mês de novembro do referido ano. Para a realização desse evento, foram utilizadas as ferramentas das mídias sociais gratuitas que se encontravam sob o nosso domínio. E, como resultado desse esforço, o Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula – FFP/UERJ, apresenta esse material que se encontra nesse Caderno/Anais dessa Jornada.

Assim, educadores sociais, estudantes de graduação e profissionais da educação foram convidados a escrever suas experiências nesse período histórico atípico. As pesquisas e os relatos de experiências se apresentam como uma realidade a ser partilhada e registrada nesse material, pois a Pandemia não impossibilitou os profissionais da educação de exercerem o seu ofício. Ao contrário, se transformou num desafio fundamental a ser transposto. E, por isso, temos esse registro como algo fundamental para entendermos a realidade pandêmica e, ainda, como a educação resistiu a todos os tipos de adversidades. A educação continua sendo o único caminho para construirmos uma sociedade possível de ser vivida mesmo com o distanciamento social e todas as barreiras sanitárias.

Os Pandemônios são consequências dessas vivências educacionais.

Por isso, pedimos para que os educadores sociais e todos os participantes dessa Jornada pudessem expressar o processo cognitivo de forma ética e estética. Assim, a arte se transforma na nova forma de expressar a Ciência da Educação. Essa construção educativa que supera todo e qualquer tipo de Pandemia, ao mesmo tempo em que nos coloca diante de nossos principais limites como seres humanos. Na verdade, Pandemônio é apenas uma das inúmeras formas de expressarmos a nossa falta de controle diante da vida e a nossa capacidade de nos esforçarmos para superar os limites da nossa realidade.

Por isso, dividimos esse material em duas partes: a primeira, composta pelas apresentações e experiências acadêmicas dos profissionais da educação, escolar ou não; a segunda, organizada em expressões artísticas de alguns participantes da Jornada de 2021. Esse foi o convite realizado a todos os que participaram, de forma direta e indireta, desse evento. Assim, possibilitamos, através da Ciência e da Arte, a expressão dos resultados da Pandemia e dos processos pandemônicos que a educação atravessou – e continua a atravessar – no início dessa terceira década do século XXI.

Realmente, esperamos que todos possam aproveitar os resultados, ainda que parciais, desses dois dias de partilha virtual e de encontros remotos que recuperaram a proximidade que o distanciamento social retirou da educação brasileira contemporânea.

*Prof. Dr. Arthur Vianna Ferreira*  
Coordenador Geral da V (web) JENEPS – 2021  
FFP/UERJ

## ÍNDICE

**Pág. 7 - A Atuação dos burocratas em tempos de pandemia**

*Patricia Flavia Mota; Tereza Cristina de Almeida Guimarães*

**Pág. 9 - A Educação Social e a infância em tempos de pandemia: Psicoeducação na Favela do condomínio II, em Araruama - RJ**

*Edite Sant'Anna Da Silva*

**Pág. 10 - A pandemia do Coronavírus e o trabalho do Educador Social fora de sala no acolhimento institucional infantojuvenil - um fazer necessário.**

*Jane Carvalho Fernandes de Araujo; Jacy Marques Passos*

**Pág. 11- A relação com o saber e a Desigualdade Escolar: que saberes mobilizam crianças e adolescentes da periferia de São Leopoldo/RS?**

*Gabrieli Oliveira da Silva; Karine Santos*

**Pág. 12 - Adaptações necessárias no cenário pandêmico: o meio virtual para formação continuada de professoras da Educação Infantil**

*Mariana Da Silva Machado Nascimento; Nayara de Oliveira Nunes; Heloisa Josiele dos Santos Carreiro*

**Pág. 13 - Alfabetização e Letramento: cartas de estudantes do Curso de Pedagogia duran3e a pandemia**

*Ana Paula dos Santos Monteiro*

**Pág. 14 - Biografemas como registro de memórias de resiliência educativa durante a pandemia**

*Lucilene Torquato Severiano; Giovanna Severiano de Farias*

**Pág. 15 - Contribuição da linguística para a produção da escrita em sala de aula: um relato de experiência**

*Patricia Tavares da Silva; Tania de Assis Souza Granja; Kátia Nazareth Moura de Abreu*

**Pág. 16 - Dialogando e brincando com crianças e adolescentes em tratamento de saúde em época de pandemia**

*Joelma Fátima Castro; Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula*

**Pág. 17 - Diálogos Entre Monitor E Estudantes: Expectativas Sobre A Disciplina De Educação Infantil Na Formação Docente Inicial**

*Nayara De Oliveira Nunes; Mariana da Silva Machado Nascimento; Heloisa Josiele Santos Carreiro*

**Pág. 18 - Direito à literatura: propostas e ações educativas escolares e não escolares mediadas pelo campo do saber da Pedagogia Social**

*Cláudio De Oliveira*

**Pág. 20 - Educação, distanciamento social e mediação de conflitos.**

*Angélica Cristina Bezerra*

**Pág. 21 - Educação Infantil fora do espaço escolar: lições da pandemia**

**Pág. 22 - Educação Social de Rua: entre cartas e lives**

*Paulina Dos Santos Gonçalves; Leandro Rogério Pinheiro*

**Pág. 23 - Educação, o Mundo Adulto e as Possibilidades de Registro das Experiências Sociais na Pandemia**

*Leidiane Da Conceição Barros; Íris Clara Bastos*

**Pág. 24 - Era uma vez um ano letivo... E uma comunidade escolar que se reinventou: relato sobre um novo espaço e fazer pedagógico**

*Patrícia Das Dôres Ponte; Bianca da Silva Fonseca Marinelli; Michelle Rodrigues dos Santos Corrêa*

**Pág. 26 - Escrevivências de um projeto de iniciação científica: diálogos e encontros fora da sala de aula.**

*Maria José Da Silva Vaz; Camile Barbosa de Abreu; Heloisa Josiele Santos Carreiro*

**Pág. 27 - “Estão Nos Ouvindo?” - Reflexões sobre a escuta das crianças da Baixada Fluminense em tempos de pandemia**

*Amanda Pontes Figueiredo; Flávia Fernanda Ferreira de Lucena; Alessandra Silva da Costa*

**Pág. 28 - Experiências de uma graduanda com espaços não escolares: o desenho infantil como forma de comunicação**

*Ingrity Leandro Da Silva; Yngrid Lopes de Medeiros; Heloisa Josiele Santos Carreiro*

**Pág. 29 - Experiências e desafios presentes na monitoria em Educação Especial e Inclusiva em Tempos de Pandemia**

*Tatiane Oliveira Santos Pereira Abreu; Vanessa Breia*

**Pág. 30 - ID em tempos pandêmicos: criação de vídeos para o canal do Youtube como estratégia dialógica com as crianças e as famílias de uma UMEI**

*Yngrid Lopes De Medeiros; Ingrity Leandro da Silva; Heloisa Josiele Santos Carreiro*

**Pág. 31 - Infâncias e cotidianos: refletindo sobre a Educação de Gênero na Educação Infantil**

*Gisele Jesus Pessanha; Heloisa Josiele Santos Carreiro*

**Pág. 32 - Mantendo o vínculo e o afeto na educação infantil: a sensibilidade em tempos de pandemia**

*Natália Moreira Altoé*

*Marcia Ely Bazhuni Pombo Lemos*

**Pág. 33 - Manutenção dos vínculos na Educação Infantil em tempos de pandemia: ações dos municípios da Baixada Fluminense**

*Flávia Fernanda Ferreira de Lucena; Alessandra Silva da Costa; Amanda Pontes Figueiredo*

**Pág. 34 - Mediação escolar e a convivência em tempos de pandemia: uma experiência de ternura na Educação Especial Inclusiva**

*Jorge Henrique Da Costa Rabelo*

**Pág. 36 - O Cinedebate - EDUDIH na formação de professores alicerçados em um modelo de competências**

*Stella Alves Rocha Da Silva; Raphael David Velozo da Fonseca; Ellen Brandão Torres Rosa; Ana Carolina Alves Amazonas; Bárbara Cristina Paulucci Cordeiro Martorelli; Rosimária Íris Alves da Costa; Sidnei Vale dos Santos; Quesia Alves Ferreira; José Lúcio Nascimento Júnior*

**Pág. 38 - O ensino de crianças em vulnerabilidade: aprender ou não aprender, eis a questão**  
*Yomara Barboza Duarte*

**Pág. 39 - Os encontros presentes nos processos formativos de Educadores (as) Sociais em Acolhimentos Institucionais no Município de São Gonçalo – RJ**  
*Jacy Marques Passos; Arthur Vianna Ferreira*

**Pág. 40 - Pandemia e seus benefícios digitais**  
*Suelen Vitória Bahia Pontes; Monique Rodrigues; Júnior Sampaio*

**Pág. 41 - Pedagogia da escuta: a prática docente e as vozes infantis nos Anos Iniciais**  
*Ingrid Gomes De Oliveira Da Venda*

**Pág. 42 - Quando o social e a poesia se encontram, o Rap insurge: outras Pedagogias para pensar “a” e “além da” Pandemia**  
*Carlos César De Oliveira*

**Pág. 44 - Registros de aula remota em meio à pandemia**  
*Rejane Peres Neto Costa*

**Pág. 45 - Um relato de experiência sobre Alegria Cultural em tempos de Pandemia: a Experiência do Movimento Círculos Populares**  
*Wandick Nogueira Maciel; Diego Martins Maciel; Cleilson Almeida*

**Pág. 46 - Ser educador social na educação não escolar: reflexões a partir da pandemia**  
*Elisangela Trevisan; Fernanda dos Santos Paulo*

**Pág. 47 - Socioeducação em tempos de COVID-19: experiência no interior de Minas Gerais - MG**  
*Sílvia Danizete Pereira Barbosa*

**Pág. 48 - Sonhando e empoderando: grupo de Mulheres CREAS (Ano 2018)**  
*Martiane Ferreira De Melo*

**Pág. 49 - Um retrato da pandemia: desdobramentos escolares e universitários**  
*Patricia Flavia Mota; Elisangela Da Silva Bernardo*

**Pág. 50 - Pandemônio literário**

**Pág. 51 - Um dia...**  
*Adriana Santana*

**Pág. 52 - Relato de uma professora**  
*Carien Brondi*

**Pág. 54 - Resenha Histórica de 2020**  
*Elisabete Cardoso*

**Pág. 56 - Vai passar**

*Fernanda Rocha*

**Pág. 58 - Fé**

*Leideni Nobre*

**Pág. 59 - Aprendizado**

*Melissa Tosti*

**Pág. 60 - Foi Fácil?!**

*Tamires Lima*

**Pág. 61 - Permita-se transformações**

*Paulo Correa*

**Pág. 62 - Oco pejado**

*Lucy Oliveira Silva*

**Pág. 64 - Biografema do ainda: ensino remoto, a vida será presencial outra vez?**

*Leidiane da Conceição Barros*

## **A Atuação dos burocratas em tempos de pandemia**

Patricia Flavia Mota<sup>1</sup>

Tereza Cristina de Almeida Guimarães<sup>2</sup>

O presente trabalho fundamenta-se no Campo das Ciências Políticas que estuda a atuação dos burocratas na implementação de políticas públicas. Considerando os estudos sobre burocratas de médio escalão (CAVALCANTE e LOTTA, 2015) e de nível de rua (LIPSKY, 1980; LOTTA, 2015; PIRES, 2017), entendemos que esses atores trabalham dentro da burocracia estatal tocando a máquina pública, independente dos políticos eleitos que se alternam no poder. Nesse sentido, em se tratando do contexto educacional, esse burocrata favorece ou não a implementação de políticas públicas que chegam ao chão da escola. Compreendendo que os gestores são os burocratas de médio escalão, uma vez que interagem na interseção entre a burocracia de alto escalão e de nível de rua; e o professor é burocrata de nível de rua, haja vista sua interação com os destinatários das políticas, percebemos que a atuação de gestores e professores pode (des)favorecer os processos de aprendizagem. Dessarte, o presente estudo torna-se relevante, pois será possível perceber que as práticas no chão da escola não são as mesmas em todos os espaços formativos, embora se relacionem às mesmas políticas educacionais. Sobretudo aquelas destinadas aos contextos mais vulneráveis.

É relevante analisar como a discricionariedade dos burocratas de médio escalão e de nível de rua pode ressignificar a política pública educacional que chega às escolas. Por conseguinte, conheceremos elementos relacionados ao poder de decisão dos burocratas que potencializam o acesso a uma educação de qualidade, pelos sujeitos destinatários deste serviço público. O objetivo deste trabalho será, portanto, analisar como a discricionariedade dos burocratas (des)favorece a aprendizagem na perspectiva de uma educação integral (COELHO, 2009) em tempos de pandemia. Assim, trazemos, à discussão, as práticas educacionais dinamizadas neste período, em que vivenciamos a pandemia de Covid-19, no qual precisamos organizar o trabalho pedagógico de forma diferenciada (SIRINO e MOTA, 2020) e reaprender processos de convivência (JARES, 2008), de modo a atender às demandas do momento. Discutiremos alguns achados desta pesquisa em andamento que nos levam a perceber o impacto das decisões dos burocratas, no que tange à implementação de práticas educacionais que, possivelmente, favorecem alguns sujeitos em detrimento de outros. Como efeito, dentro da própria política, lidamos com resultados diferenciados, devido às decisões tomadas nos contextos. Em tempos de pandemia, os burocratas precisam tomar uma série de decisões que podem favorecer ou não os processos de aprendizagem. E também a redução ou acirramento das desigualdades. Portanto, debruçar-nos-emos sobre esse estudo, buscando compreender a

---

<sup>1</sup>Doutoranda no PPGEduc (Unirio), Mestra em Educação (Uerj-FFP) e Professora na Universidade Castelo Branco.

<sup>2</sup>Doutoranda no PPGEduc (Unirio), Mestra em Educação (Unirio) e Professora Supervisora em São Gonçalo.



atuação desses profissionais num contexto de escolas fechadas, de atividades remotas como medidas de enfrentamento à Covid-19.

**A Educação Social e a infância em tempos de pandemia:  
Psicoeducação na Favela do condomínio II, em Araruama - RJ**

Edite Sant'Anna Da Silva<sup>3</sup>

Em tempos de pandemia, muitas crianças da favela do Condomínio II, em Araruama - RJ, sem acesso a tecnologias digitais, passam mais tempo com pais e responsáveis devido ao isolamento social. Muitos perderam empregos ou tiveram seus salários diminuídos, com a retirada repentina de direitos trabalhistas. Percebo um desgaste emocional entre os membros das famílias, gerando maiores estresses, inseguranças, sofrimento psíquico e evidenciando as fragilidades das relações intrafamiliares. Através da Pesquisa-Ação e embasamento teórico de Jares (2008) e Freire (1992), a Educação Social objetiva auxiliar no fortalecimento de vínculos na convivência, no acolhimento e no esperar dessas famílias.

---

<sup>3</sup>Licenciada em Letras (FERLAGOS), psicóloga clínica (UVA), mestra em Educação (UFF) e educadora social.

**A pandemia do Coronavírus e o trabalho do Educador Social fora de sala no acolhimento institucional infantojuvenil - um fazer necessário.**

Jane Carvalho Fernandes de Araujo<sup>4</sup>  
Jacy Marques Passos<sup>5</sup>

A pandemia da Covid-19 deflagrou uma crise econômica em nível mundial, intensificando o abismo social entre ricos e pobres no Brasil, acirrando os níveis de miserabilidade e desalento da classe trabalhadora que se encontra desprotegida e vulnerável com seus direitos ameaçados. Frente ao cenário que vivenciamos, espaços educativos escolares fecharam as portas para conter o avanço do vírus, um importante espaço de proteção, principalmente ao acesso à alimentação e a sociabilidade. Dessa forma, discorreremos experiências educativas exitosas fora de sala de aula no contexto de acolhimento institucional infantil.

---

<sup>4</sup>Mestranda em Humanidades, Cultura e Artes na Universidade do Grande Rio, Pós-graduanda em Pedagogia Social para o Século XXI - Universidade Federal Fluminense e Assistente Social na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, atuando no acolhimento institucional infanto-juvenil.

<sup>5</sup>Mestrando do PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdade Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pedagogo / Educador Social Especializado em Docência e Gestão do Ensino Superior (UNESA).

## **A relação com o saber e a Desigualdade Escolar: que saberes mobilizam crianças e adolescentes da periferia de São Leopoldo/RS?**

Gabrieli Oliveira da Silva<sup>6</sup>  
Karine Santos<sup>7</sup>

O presente trabalho é parte de minha pesquisa de conclusão de curso em pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela professora doutora Karine Santos no ano de 2020. O estudo teve como objetivo compreender os saberes de crianças e adolescentes da periferia da cidade de São Leopoldo, a qual também sou moradora.

O material de análise foi produzido no âmbito do estágio da Educação Social realizado em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo da região Oeste do município de São Leopoldo/RS. O estudo teve como método de coleta de material o instrumento adaptado Balanço do Saber idealizado pelo sociólogo Bernard Charlot (2001), Nós e os Ets: O que ensinar a quem nada sabe? Foi utilizado a metodologia de escrita e desenhos nas oficinas.

A pesquisa também analisou como essas crianças e adolescentes estabelecem relações com o saber e como enfrentam a desigualdade escolar e como se desenvolvem suas mobilizações dentro e fora da escola. Como principais referências para desenvolver este estudo foi fundamental a realização da leitura das obras de Bernard Charlot, especialmente das obras: Da relação com o saber (2000) e Os jovens e o saber: perspectivas mundiais (2001) e a obra do também sociólogo de Bernard Lahire, Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável (1997).

A partir dos escritos, desenhos e trocas de diálogos nas oficinas pude compreender a importância da escola para os educandos e também para suas famílias, tendo a escola como o único lugar do saber. A pesquisa teve como conclusão resultados que demonstraram quais aprendizagens as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social valorizam diante do mundo e quais saberes as mobilizam. Sendo assim, foi possível constatar que a escola é reconhecida pelos educandos como um lugar de esperança, mudança e refúgio, pois é nesse espaço que depositam seus sonhos e perspectivas de uma vida melhor.

---

<sup>6</sup>Graduanda em Pedagogia (UFRGS).

<sup>7</sup>Professora. Dra. (UFRGS).

## **Adaptações necessárias no cenário pandêmico: o meio virtual para formação continuada de professoras da Educação Infantil**

Mariana Da Silva Machado Nascimento<sup>8</sup>

Nayara de Oliveira Nunes<sup>9</sup>

Heloisa Josiele dos Santos Carreiro<sup>10</sup>

O presente trabalho vem discutir as mudanças que um Projeto de Extensão, com foco na formação continuada de professoras da Educação Infantil, denominado “Cartas entre Educadoras(es) das infâncias: Compartilhando desafios da prática”, precisou inovar e se adaptar ao novo cenário pandêmico. O objetivo do projeto é promover um espaço de formação para profissionais da Educação Infantil de São Gonçalo e Petrópolis, o diálogo entre as duas cidades se dá através de cartas. Sem a possibilidade de oferecer o curso presencial no ano de 2020, foi necessária uma adaptação para o âmbito virtual. Tal medida possibilitou uma ampliação de número de vagas e uma abrangência de cidades.

---

<sup>8</sup>Graduanda em Pedagogia na FFP-UERJ e bolsista de Extensão do COLEI.

<sup>9</sup>Pedagoga e Pós-Graduanda em Psicopedagogia.

<sup>10</sup>Professora da FFP-UERJ e coordenadora do COLEI.

## **Alfabetização e Letramento: cartas de estudantes do Curso de Pedagogia durante a pandemia**

Ana Paula dos Santos Monteiro<sup>11</sup>

O exercício da docência nos proporciona, por muitas vezes, ações e reações sobre a práxis educativa. E não foi diferente neste período de incertezas, o qual estamos passando por uma pandemia devastadora. Assim, criamos a possibilidade de escrita através de cartas. O objetivo da elaboração da carta foi apresentar o registro das memórias dos(as) alunos(as) sobre o processo de alfabetização, assim como, compreender através desses indícios, como os universitários são afetados por suas memórias para a construção da profissão docente. A maioria dos estudantes conseguiram se reportar ao período da ainda classe de alfabetização. São cartas muito bonitas e cheias de significados pessoais. O que nos dá pistas para compreender a escolha do curso de Pedagogia e o desejo de ensinar.

---

<sup>11</sup>Doutoranda em Educação – UNESA; Assessora da SEMED Nilópolis e Professora dos Cursos de Licenciatura – UNESA.

## **Biografemas como registro de memórias de resiliência educativa durante a pandemia**

Lucilene Torquato Severiano<sup>12</sup>  
Giovanna Severiano de Farias<sup>13</sup>

Com a pandemia, a sociedade imerge em um oceano de incertezas. Educadores buscam a resiliência necessária à ação transformadora do saber. Neste trabalho, compartilharemos experiências de um grupo de pesquisa e escrita biográfica. Mediante estudo sobre o neologismo criado por Roland Barthes, contemplamos o subgênero "biografemas" por suas diversas possibilidades educativas. Neste sentido, destacamos o escoamento das angústias do cotidiano e a sua utilização como um recurso educativo/inclusivo a ser desenvolvido em ambientes educacionais voltados ao mundo adulto. Visamos propagar esse conhecimento por reconhecimento de sua relevância social e aproximação didática com as tecnologias educacionais mais úteis e usuais deste momento histórico.

---

<sup>12</sup>Especialista em Gestão escolar na educação básica, (FFP/UERJ). Graduada em Pedagogia, (UFF). Pesquisadora do NIRA (Núcleo Interdisciplinar resistência e Arte, UERJ).

<sup>13</sup>Graduanda em Letras/Inglês, UFF. Pesquisadora do NIRA (Núcleo Interdisciplinar resistência e Arte, UERJ).

## **Contribuição da linguística para a produção da escrita em sala de aula: um relato de experiência**

Patrícia Tavares da Silva<sup>14</sup>  
Tania de Assis Souza Granja<sup>15</sup>  
Kátia Nazareth Moura de Abreu<sup>16</sup>

Este estudo apresenta um conjunto de dados sobre a produção da escrita dos alunos de uma classe de aceleração. O trabalho de campo foi realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental do município de São Gonçalo. A pesquisa é de cunho etnográfico com aporte quantitativo. É, também, fundamentado pela Psicolinguística – subárea da Linguística – trazendo subsídios para as análises dos processos e subprocessos presentes na escrita (FLOWER & HAYES, 1980). Neste momento, os dados empíricos estão em análise, com base no corpus constituído pela observação participante, entrevistas e oficinas de produção textual que evidenciam diversos processos cognitivos que impactam a produção da escrita.

---

<sup>14</sup>Graduanda em Letras (FFP/UERJ) e bolsista PIBIC/UERJ.

<sup>15</sup>Doutora em Educação (UERJ) e professora FFP/UERJ.

<sup>16</sup>Doutora em Linguística (UFRJ) e professora FFP/UERJ



## **Dialogando e brincando com crianças e adolescentes em tratamento de saúde em época de pandemia**

Joelma Fátima Castro<sup>17</sup>

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula<sup>18</sup>

Este trabalho é resultado das atividades realizadas pelo projeto de Extensão “Arte Brincadeiras e literatura para a promoção da Educação social em saúde” do Programa Multidisciplinar de estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e Adolescente (PCA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) no Paraná, Brasil. O objetivo principal do projeto é dialogar e refletir sobre os direitos, as particularidades e as realidades das crianças e adolescentes que se encontram em tratamento de saúde, juntamente com seus familiares. O projeto de extensão está voltado para a promoção de atividades lúdicas, culturais e educacionais com eles(as), tendo como base metodológica e teórica a perspectiva da Sociologia da infância e da Educação Social e busca ouvir e compreender as alegrias, os desejos, as inquietações, os medos das crianças e dos adolescentes, procurando respostas de forma coletiva para os problemas. O projeto realizava suas atividades com crianças e adolescentes com câncer e seus familiares na Rede Feminina de Combate ao Câncer de Maringá de forma lúdica por meio de rodas de conversas, contação de história, brincadeiras e trabalhos com arte e música.

Neste momento de pandemia, pensando nessas crianças e nesses adolescentes e de que forma garantir o brincar e o direito de aprender a eles(as), diante dessas inquietações as atividades passaram a ser realizadas pela plataforma do *Google Meet* e por meio de vídeos enviados em um grupo no *Whatsapp* por crianças, adolescentes e seus familiares. As atividades são realizadas às segundas feiras à tarde, durante as ações do projeto, as crianças e adolescentes participam efetivamente, elas querem sempre nos contar sobre um fato ocorrido, além de mostrar seus animais de estimação, bichos de pelúcia e brinquedos, mostrando assim para seus colegas seu universo infantil. Nos encontros também dialogamos sobre os direitos das crianças, dentre estes o brincar e a educação, em um dos encontros conversamos com os familiares que nos relataram sobre o direito ao atendimento de saúde pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para crianças e adolescentes com câncer, como também descreveram as dificuldades ao realizar o tratamento em outras cidades, as dificuldades das crianças em terem acesso ao brincar e à educação durante o período em que se encontram internados. Como resultados, ficam evidentes que as ações do projeto têm proporcionado relações entre as crianças e seus familiares e colaboram para o desenvolvimento social, cognitivo e pedagógico das crianças e adolescentes em tratamento de saúde e concomitantemente garantem o direito do brincar que está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. O projeto também contribui para a formação inicial dos estudantes de Pedagogia e licenciaturas para terem contato com a educação além da sala de aula.

---

<sup>17</sup>Graduada em Pedagogia (UEM) e mestranda em Educação (UEM).

<sup>18</sup>Graduada em Pedagogia (UNICAMP), mestrado em Educação (USP) e doutorado em Educação (UFBA).

## **Diálogos Entre Monitor E Estudantes: Expectativas Sobre A Disciplina De Educação Infantil Na Formação Docente Inicial**

Nayara De Oliveira Nunes<sup>19</sup>  
Mariana da Silva Machado Nascimento<sup>20</sup>  
Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>21</sup>

O resumo tem como objetivo refletir sobre as expectativas dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP), sobre a Disciplina de Educação Infantil I, e descobrir como eles se sentiram durante a realização da matéria, se as expectativas foram atendidas e buscar uma aproximação com os relatos, visando acolher suas contribuições para o aperfeiçoamento da matéria. O texto se inscreveu na perspectiva dos estudos qualitativos e de caráter exploratório. O trabalho teve o intuito de fornecer dados para o aprofundamento no assunto e possibilidade de levantamento de hipóteses, as respostas foram coletadas através de um questionário. Concluímos, também, que o trabalho do monitor é significativo na formação dos estudantes.

---

<sup>19</sup>Pedagoga FFP-UERJ e Pós-graduanda em Psicopedagogia.

<sup>20</sup>Graduanda em Pedagogia FFP-UERJ e bolsista de Extensão do COLEI.

<sup>21</sup>Professora da FFP-UERJ e coordenadora do COLEI.


## **Direito à literatura: propostas e ações educativas escolares e não escolares mediadas pelo campo do saber da Pedagogia Social**

Cláudio De Oliveira<sup>22</sup>

Este presente trabalho tem como objetivo estabelecer diálogos entre o direito à literatura resente no livro *Vários Escritos* (1970), de Antônio Candido e o campo do saber da Pedagogia Social. Os subsídios desta pesquisa acadêmica têm fundamentos nos conceitos elencados nos estudos do livro “Dentro ou Fora da Sala de Aula? O lugar da Pedagogia Social” (FERREIRA, 2018). Do ponto de vista metodológico, este texto caracteriza-se como bibliográfico, onde foram feitos levantamentos em artigos, livros e legislações pertinentes à temática da Educação em Direitos Humanos. Na leitura deste ensaio é latente a defesa das liberdades democráticas e dos direitos humanos no Brasil em plena ditadura militar. A literatura de Candido contém traços essenciais da humanidade, tais como: o exercício da reflexão; a boa disposição para o próximo; a capacidade de penetrar nos problemas da vida; a percepção da complexidade do mundo e dos seres; a aquisição do saber, dentre outras. A articulação entre os Direitos Humanos e a Pedagogia Social, proposta neste estudo, tem por base metodológica os elementos da Pedagogia da Convivência do educador social e teórico catalão Xesús Jares que, dentre eles, pressupõem o Diálogo, a Dinâmica da Cultura e a Diversidade. Neste contexto, cabe destacar que frente ao isolamento social imposto à população brasileira em 2020, devido a “pandemia do Novo Coronavírus” (COVID-19) aprofundou-se a desigualdade social em todo território nacional. Educandos e os educadores foram apresentados ao sistema de educação remota, isto é, através de meios televisivos, telefones celulares e computadores caseiros, entretanto, junto com a doença que ainda não está controlada, seguiu-se o desemprego em larga escala, afetando diretamente às famílias das camadas empobrecidas. Frente ao exposto, esta pesquisa buscará, na perspectiva da Educação em Direitos Humanos, presente no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e nas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, propor uma formação que vá além da sensibilização e da informação, a saber: formação inicial e continuada dos educadores dentro de uma dimensão histórico-crítica convergente com três princípios citados nas Diretrizes Nacionais: dignidade humana; igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades. Candau et al. (2013) afirmam que “o(a) educador(ra)” precisa ser concebido como agente sociocultural e político, ou seja, deve “[...] situar-se em ótica contra-hegemônica, que desenvolva processos críticos de compreensão e ação na realidade para propiciar uma a criação de uma mentalidade diferente” (p.35). Desse modo, eis que se evidencia o desafio do Educador Social contemporâneo: o de conjugar a sua postura, a sua ação e o seu trabalho pedagógico com

---

<sup>22</sup>Graduando em Pedagogia/Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Faculdade de Educação/Baixada Fluminense (Uerj/Febf); Pesquisador do Coletivo de Leituras e Investigações em Pedagogia Social (Clips/UCB).



Revista Caderno JENEPS – n.4 – vol.1 – 2021 – ISSN 2595-6787  
os três conteúdos utilizados por Jares (2008) sobre a Pedagogia da Convivência (da natureza humana; da relação e de cidadania) e a Educação Infantil.

### **Educação, distanciamento social e mediação de conflitos.**

Angélica Cristina Bezerra<sup>23</sup>

O presente resumo tem como intuito informar sobre as demandas e conflitos que emergem mediante a crise pandêmica ocasionada pela doença COVID-19. É realizada uma breve análise sobre: o papel da mídia, a solidão causada pelo distanciamento social e os desafios enfrentados pela Educação. No campo educacional, adota-se a modalidade de Educação a Distância que não atinge de forma equitativa os estudantes da Educação Básica, principalmente, das escolas públicas brasileiras. O excerto apresentado tem observação e análise de referenciais teóricos que entrelaçam a Pedagogia Social e as notícias recentemente divulgadas pelos veículos de comunicação.

---

<sup>23</sup>Licenciatura em Pedagogia (UERJ/RJ), Bacharel em Administração (CEUCCEL), Especialista em Pedagogia Social para século XXI (UFF/RJ), Tecnologia, Formação de Professores e Sociedade (Unifei/MG), Orientação Educacional e Supervisão Escolar (UCAM/RJ), professora da rede de ensino em Volta Redonda e educadora social.

## **Educação Infantil fora do espaço escolar: lições da pandemia**

Marilda Pio da Silva<sup>24</sup>

Silvia Santos Gomes<sup>25</sup>

A escolarização foi o modelo priorizado pelo Estado brasileiro para garantir o direito constitucional à educação, tornando-se, assim, a chamada educação formal. A educação popular, na comunidade, passa a ser conhecida como educação não formal.

No ano de 2020 o sistema escolar brasileiro foi colocado frente a um desafio, pois a pandemia de COVID-19 trouxe a necessidade de distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais. Muito se falou sobre perda de conteúdos e de aprendizados. A ideia de que muitas educações são possíveis pode ajudar a minimizar tal angústia e a Pedagogia Social pode ser grande aliada na construção dessa nova concepção.

A formação do pedagogo brasileiro está centrada em sua atuação para a sala de aula, enquanto outras práticas educacionais possíveis são colocadas à margem da formação inicial. É necessário rever, reinventar essa lógica. A educação não está somente dentro da escola. Importante ressaltar que a Pedagogia Social não é antagônica da Pedagogia Escolar, pelo contrário, ela pontua problemas e pode ajudar a solucioná-los.

A Pedagogia Social se configura como uma ponte entre a pedagogia e a leitura da realidade, tão importante para a educação de crianças, jovens e adultos. Conferir função educativa aos espaços sociais, públicos, comunitários é um dos objetivos da Pedagogia Social, com um novo projeto de sociedade, no qual todos os espaços são pedagógicos, alicerçado na visão crítica da sociedade humana e na sistematização de conhecimentos vivenciados. Os conteúdos são contextualizados, relacionados à história de vida dos sujeitos, de sua comunidade, com aplicabilidade do que é visto, ouvido, na transformação de realidades.

A educação infantil preza a interação, a construção compartilhada de conhecimento, as vivências e as experiências significativas. Quando pensamos em educação infantil logo vem a nossa mente momentos de ludicidade e de prazer. Brincar e sonhar são componentes indispensáveis para uma educação infantil de qualidade, que se preocupa com o desenvolvimento de nossas crianças, e a expressão dessa concepção no nosso cotidiano é a forma mais correta de fortalecer e embasar as práticas inspiradas por esses pensamentos.

O distanciamento social trouxe reflexão sobre tais fundamentos e a Pedagogia Social como campo científico vasto e rico que é, pode ser a base teórico-prática para a ampliação do conceito de docência e da construção de conhecimento centrada nos currículos e práticas organizadas pela escola.

---

<sup>24</sup>Bacharel em Pedagogia (FEUSP) e Professora da rede municipal de ensino de São Paulo.

<sup>25</sup>Bacharel em Pedagogia (FEUSP) e Coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo.

## **Educação Social de Rua: entre cartas e lives**

Paulina Dos Santos Gonçalves<sup>26</sup>

Leandro Rogério Pinheiro<sup>27</sup>

O objetivo é apresentar experiência de oficina sobre Educação Social de Rua para equipe de Abordagem Social em Porto Alegre – RS no contexto da pandemia da COVID-19. Para tanto, foram retomados elementos em Paulo Freire (1989) e orientações do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (CONANDA, 2017). A oficina surgiu como estratégia na formação para educadores, valendo-se da carta pedagógica e, depois, de um encontro virtual via plataformas da internet. Embora o serviço seja prestado a todos os grupos etários, o enfoque do documento abordado se dirigia aos jovens. O trabalho contribuiu na redescoberta de princípios e metodologias no momento de crise sanitária, que vem acentuando o processo de rualização (Graciani, 2004; Nunes, 2019).

---

<sup>26</sup>Mestranda em Educação FAGED/UFRGS.

<sup>27</sup>Professor Doutor da FAGED/UFRGS.

## **Educação, o Mundo Adulto e as Possibilidades de Registro das Experiências Sociais na Pandemia**

Leidiane Da Conceição Barros<sup>28</sup>

Íris Clara Bastos<sup>29</sup>

Através da pesquisa sobre o gênero biográfico, abordaremos formas por meio das quais as pessoas podem registrar suas experiências acerca da educação e da vida adulta no contexto da pandemia. Falaremos acerca da legitimidade do registro de experiências pessoais, a importância desse exercício para formação pedagógica e o impacto que essa produção literária pode ter no futuro para compreender o que foi este momento histórico que estamos vivenciando, nos adaptando e registrando através do fazer biográfico, através da produção de “biografemas”, neologismo este criado por Roland Barthes que trata justamente disto: registrar partes e experiências da vida comum.

---

<sup>28</sup>Graduanda em Letras - Português/Literaturas (UERJ/FFP), bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa e extensão Educação e o uso de narrativas (auto)biográficas: Histórias de vida/Histórias de família e pesquisadora do NIRA/ Núcleo Interdisciplinar Resistência e Arte.

<sup>29</sup>Graduanda em Letras - Português/Inglês (UERJ/FFP), bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa e extensão Educação e o uso de narrativas (auto)biográficas: Histórias de vida/Histórias de família e pesquisadora do NIRA/ Núcleo Interdisciplinar Resistência e Arte.



## **Era uma vez um ano letivo... E uma comunidade escolar que se reinventou: relato sobre um novo espaço e fazer pedagógico**

Patrícia Das Dôres Ponte<sup>30</sup>  
Bianca da Silva Fonseca Marinelli<sup>31</sup>  
Michelle Rodrigues dos Santos Corrêa<sup>32</sup>

Iniciamos o ano letivo de 2020...muitas expectativas e planos tomavam conta do nosso imaginário. Acolhemos as crianças em um período de adaptação, exploramos as rodas de conversa, estávamos atentas às suas falas e sugestões para realizarmos o planejamento das atividades diárias. Tudo corria bem até que em meados de março fomos surpreendidos com a notícia de que estávamos entrando em um período de isolamento social para tentar conter a propagação da Covid-19. Então, a partir do dia 14 desse mês, ocorreu a suspensão das aulas na rede municipal de Niterói.

Inicialmente vivemos um misto de sensações: por um lado alívio, pois agora nos sentíamos protegidos do vírus em nossas casas, isolados, mas por outro lado a angústia da solidão, o medo da doença, as dúvidas com relação ao futuro, ao trabalho, à vida. Os dias passam e algumas questões se fazem presente em nossa equipe: como estarão nossas crianças e suas famílias? Sentíamos saudade e precisávamos fazer alguma coisa. Então alguns professores, em parceria com a Equipe de Articulação Pedagógica (EAP), iniciam uma conversa sobre a criação de um grupo de WhatsApp, era um caminho para termos notícias de todos. Foi um processo lento e individual, onde foi respeitado o tempo e o momento de cada profissional da Unidade. Uns com receio de compartilhar seu telefone pessoal, outros com dificuldade de conexão, alguns deprimidos sem querer nenhum tipo de contato com o mundo e outros entusiasmados com este movimento de diálogo que nascia. E assim cria-se o grupo “Interações Regina Leite Garcia”, com a proposta de partilhar informações, tirar dúvidas, manter o vínculo com nossas crianças e suas famílias.

No início, os responsáveis, em meio as suas necessidades, perguntavam sobre o retorno das aulas e o apoio financeiro. Mas aos poucos foram percebendo que o objetivo daquele grupo era manter a Unidade Municipal de Educação Regina Leite Garcia viva: sua imagem, nossas lembranças, as propostas pedagógicas, o afeto e as histórias vivenciadas cotidianamente naquele espaço e agora em casa. Iniciamos produzindo vídeos com as fotos que tínhamos dos primeiros momentos vividos na UMEI, do período de adaptação, das primeiras refeições, das brincadeiras. Ver a expectativa das famílias querendo assistir aos vídeos desse período precioso vivido presencialmente na creche foi emocionante. Aos poucos fomos trazendo histórias, compartilhando links, sugerindo vídeos. Junto com cada postagem realizada vinham sempre palavras de força, depoimentos que falavam de saudade, frases e áudios pedindo para que todos se cuidassem e se protegessem. Ao longo dos meses, nossos pequenos iniciaram um processo de produção, de forma autônoma criavam vídeos e fotografavam seus desenhos, suas pinturas, seus registros escritos, criavam histórias e nos contavam, parecia que agora eles eram os professores! Como nos diz Guimarães, “é preciso pensar um espaço e um

---

<sup>30</sup>Licenciada em Pedagogia (UFF) e professora das redes municipais de ensino de Niterói e do Rio de Janeiro.

<sup>31</sup>Licenciada em Geografia (UERJ/FFP) e professora das redes municipais de ensino de Niterói e Itaboraí.

<sup>32</sup>Licenciada em Pedagogia (Universo) e professora de apoio especializado da rede municipal de ensino de Niterói.

educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades” (2009, p. 94). Entendíamos que assim como na creche, neste novo espaço (virtual) de aprendizagens, era preciso deixar as crianças ousarem, experimentarem, criarem. Foi muito interessante ver o que elas estavam produzindo com suas famílias. As mídias mostravam vivências únicas entre elas, cozinhando, brincando, conversando... situações estas que talvez não fossem vividas se não estivéssemos em isolamento. Momentos importantes foram compartilhados: o desfralde, a comemoração dos aniversários, a queda dos primeiros dentes de leite. Como é bom perceber que as crianças curtem e os responsáveis valorizam esses momentos!

Enfim, vivemos, criamos, propomos e fomos surpreendidos com momentos marcantes neste primeiro semestre, mas acima de tudo nos consolidamos enquanto grupo e comunidade escolar e, mesmo transitando por espaços não legitimados, estamos estreitando nossas relações, mantendo nossos vínculos e aprendendo juntos.

**Escrevivências de um projeto de iniciação científica: diálogos e encontros fora da sala de aula.**

Maria José Da Silva Vaz<sup>33</sup>

Camile Barbosa de Abreu<sup>34</sup>

Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>35</sup>

Em nossas ações de Iniciação Científica junto ao Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI), com o objetivo de mediar leitura, através de uma pesquisa do tipo intervenção em Praça Pública, lugar de muitos encontros, citarei um deles. Um dia estava lendo o livro “A verdadeira história dos três porquinhos!” de, Jon Scieszka para um senhor que visitava com as suas netas a Tenda Literária. O livro traz a versão do Lobo Mau para essa história infantil. Tudo o que eu lia, o senhor repetia, em um dado momento ele apontou para o alto do morro e disse: — Lobo Mau! Fazendo uma clara analogia com o personagem, "aos vigilantes armados", que ali se encontravam.

---

<sup>33</sup>Estudante de Pedagogia FFP-UERJ e Bolsista de Iniciação Científica do COLEI UERJ-FFP.

<sup>34</sup>Estudante de Pedagogia FFP-UERJ e Bolsista de Estágio Interno Complementar do COLEI UERJ-FFP.

<sup>35</sup>Professora da FFP/UERJ e Coordenadora do COLEI UERJ-FFP.

**“Estão Nos Ouvindo?” - Reflexões sobre a escuta das crianças da Baixada Fluminense em tempos de pandemia**

Amanda Pontes Figueiredo<sup>36</sup>

Flávia Fernanda Ferreira de Lucena<sup>37</sup>

Alessandra Silva da Costa<sup>38</sup>

Este estudo está inserido numa pesquisa interinstitucional que pretendeu mapear as ações voltadas para a Educação Infantil das Secretarias de Educação dos municípios que compõem a Baixada Fluminense. Como instrumento metodológico, foi utilizado um questionário (MARCONI; LAKATOS, 1999) enviado após encontro virtual com os responsáveis pelas Secretarias dos municípios de forma que eles pudessem tomar conhecimento dos aspectos da pesquisa e, num primeiro momento, dialogar sobre as ações adotadas. As respostas proporcionaram algumas reflexões, dentre elas, a escuta das crianças, onde 60% responderam não consultar as crianças sobre a escolha das estratégias utilizadas neste contexto de pandemia.

---

<sup>36</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora de Educação Infantil nos municípios do Rio de Janeiro e Itaguaí.

<sup>37</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora da educação básica no município de Niterói.

<sup>38</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora de Educação Infantil no município do Rio de Janeiro.

## **Experiências de uma graduanda com espaços não escolares: o desenho infantil como forma de comunicação**

Ingrity Leandro Da Silva<sup>39</sup>

Yngrid Lopes de Medeiros<sup>40</sup>

Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>41</sup>

O presente resumo nasce da experiência como bolsista de ID do COLEI. Neste contexto de Pandemia, venho pensando o desenvolvimento do desenho com crianças que moram próximas a mim. A partir de estudos teóricos, surge a motivação: abordar sobre o desenho infantil e o que ele comunica. Através de um exercício investigativo em ambiente não escolar com crianças de diferentes idades, viso estudar e entender o processo de produção do desenho infantil. Dessa forma, propus que as crianças elaborassem um desenho. Em diálogo com elas, pude compreender que seus desenhos eram, na verdade, uma revolução comunicativa.

---

<sup>39</sup>Estudante de Pedagogia da FFP-UERJ e Bolsista de Iniciação à Docência do COLEI UERJ-FFP.

<sup>40</sup>Estudante de Pedagogia da FFP-UERJ e Bolsista de Iniciação à Docência do COLEI UERJ-FFP.

<sup>41</sup>Professora da FFP-UERJ e Coordenadora do COLEI UERJ-FFP.

## **Experiências e desafios presentes na monitoria em Educação Especial e Inclusiva em Tempos de Pandemia**

Tatiane Oliveira Santos Pereira Abreu<sup>42</sup>

Vanessa Breia<sup>43</sup>

A Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva é uma modalidade de ensino que atravessa todos os níveis de escolaridade, sendo temática de muita relevância para todos os cursos de formação de professores. Conhecer a história da Educação Especial no Brasil, aprender seus diversos conteúdos, diferentes abordagens, possibilidades de intervenção prática, múltiplas especialidades e implicações políticas e éticas são fundamentais para garantir uma educação inclusiva comprometida com o direito de acesso, permanência e sobretudo com a aprendizagem de todos os indivíduos. Em decorrência da pandemia (COVID-19), foi necessário reinventar práticas e investir em formação continuada para atender as demandas específicas do momento. Nesse processo tivemos a sensibilidade de escolher os conteúdos básicos e disponibilizá-los com antecedência para que todos tivessem a autonomia de organizar a gestão do próprio tempo. Com relação a seleção de conteúdos focamos nas obras fundamentais do campo, apoiadas em vídeos de curta duração, os quais eram disponibilizados na plataforma de uso institucional da universidade. Salientamos que embora a forma de ministrar as aulas tenha sido adaptada para uma nova realidade - plataformas de encontros virtuais - prezamos a todo momento em manter o diálogo com os alunos e nos colocamos a disposição de todos a todo momento em que precisassem, inclusive os mesmos puderam opinar nos conteúdos que mais tinham interesse de se aprofundar. Outra questão que merece destaque é a maneira como a disciplina, mesmo em formato atual, afetou aos alunos, pois conforme exposto por eles, após a realização da disciplina o olhar que antes tinham para a modalidade de ensino de educação especial e inclusiva se modificou, tornando-se mais atentos e sensíveis a diversidade humana.

---

<sup>42</sup>Bolsista de monitoria de Educação Especial da FFP-UERJ, Bolsista Voluntária do GEPAC- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Autismos e Intervenções com cães da FFP-UERJ.

<sup>43</sup>Professora Adjunta da UERJ-FFP - Coordenadora GEPAC- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Autismos e Intervenções com cães da FFP-UERJ.

**ID em tempos pandêmicos: criação de vídeos para o canal do Youtube como estratégia dialógica com as crianças e as famílias de uma UMEI**

Yngrid Lopes De Medeiros<sup>44</sup>

Ingrity Leandro da Silva<sup>45</sup>

Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>46</sup>

A presente ação virtual surgiu a partir de nossas reuniões online e conversas que chegaram à criação de um canal do Youtube para o Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI) com a proposta de levar literatura para as crianças e suas famílias que estão em quarentena. Com isso, temos por objetivo aproximar os meninos, as meninas e seus familiares da literatura. Tendo como base o autor Antônio Candido (1989), que defende que a literatura deve ser parte dos Direitos Humanos, por isso, ainda que virtual, defendemos a mediação literária (QUEIROZ, 2014). Como resultado de nossa intervenção, conseguimos alcançar 331 escritos e temos mais de duas mil horas de visualização.

---

<sup>44</sup>Bacharel em Pedagogia (UERJ).

<sup>45</sup>Estudante de Pedagogia (UERJ).

<sup>46</sup>Doutora em Educação (UFF) Professora Adjunta da UERJ-FFP.

## **Infâncias e cotidianos: refletindo sobre a Educação de Gênero na Educação Infantil**

Gisele Jesus Pessanha<sup>47</sup>

Heloisa Josiele Santos Carreiro<sup>48</sup>

O presente estudo tem por objetivo discutir sobre a educação das relações de gênero na infância e na vida cotidiana. Desenvolvemos estudos bibliográficos, observações da prática e reflexões de minha história. Reconheço que no passado tive dificuldades de entender e respeitar os diversos modos de ser e estar no mundo. Os preconceitos se relacionam com a cultura que temos, em especial, os contextos institucionais: valores familiares e religiosos, a educação escolar que recebemos. Podemos ousar dizer que já na Educação Infantil ajudamos na concepção de conceitos e preconceitos das crianças sobre gênero, através dos brinquedos, brincadeiras e do material literário que compartilhamos.

---

<sup>47</sup>Professora da rede privada no município de Niterói.

<sup>48</sup>Professora Adjunta da UERJ-FFP, Doutora em Educação e Coordenadora do COLEI.



## **Mantendo o vínculo e o afeto na educação infantil: a sensibilidade em tempos de pandemia**

Natália Moreira Altoé<sup>49</sup>

Marcia Ely Bazhuni Pombo Lemos<sup>50</sup>

Este resumo tem como proposta apresentar algumas reflexões sobre a Educação Infantil em tempos de pandemia, visto que nosso ofício se faz com o olhar, com a convivência. Como lidar com toda essa realidade que pegou a todos e todas nós de surpresa fazendo com que muito rapidamente nós professores nos reinventássemos? A pandemia nos desafia ao desconhecido, e esse desconhecido nos traz a angústia que nos movimenta a compreender as possibilidades de sobreviver. Como estão nossas crianças? O que pensamos e fazemos para amenizar essas situações? Não temos muitas respostas, temos suposições e pequenas ações possíveis para que possamos manter contato com elas.

---

<sup>49</sup>Mestranda em Educação (UFF) e professora de Educação Infantil COLUNI (UFF).

<sup>50</sup>Mestranda em Educação (UFF) e professora na Rede Municipal de Niterói.

## **Manutenção dos vínculos na Educação Infantil em tempos de pandemia: ações dos municípios da Baixada Fluminense**

Flávia Fernanda Ferreira de Lucena<sup>51</sup>

Alessandra Silva da Costa<sup>52</sup>

Amanda Pontes Figueiredo<sup>53</sup>

Esta pesquisa teve como finalidade refletir sobre o conceito de vínculo na Educação Infantil pública da Baixada Fluminense no contexto da pandemia. Optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986), sendo o questionário o instrumento principal utilizado na coleta de informações, o qual foi direcionado aos representantes das Secretarias de Educação Infantil dos 13 municípios da Baixada Fluminense. A maioria das respostas (60%) apontaram que as principais estratégias adotadas para aproximação com as crianças foi o uso de plataformas digitais e compartilhamento de vídeos, revelando pistas de como o conceito de vínculo foi ganhando significado nesse cenário inesperado.

---

<sup>51</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora da educação básica no município de Niterói.

<sup>52</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora de Educação Infantil nos municípios do Rio de Janeiro e Itaguaí.

<sup>53</sup>Mestranda em Educação (PPGEduc/UFRRJ) e professora de Educação Infantil no município do Rio de Janeiro.

## **Mediação escolar e a convivência em tempos de pandemia: uma experiência de ternura na Educação Especial Inclusiva**

Jorge Henrique Da Costa Rabelo<sup>54</sup>

Este presente trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de mediação escolar com alunos público-alvo da Educação Especial Inclusiva, de forma remota, por conta da Pandemia provocada pela Covid-19. Desde 2019, atuo com a mediação inclusiva numa instituição de ensino médio da rede particular, no Rio de Janeiro/RJ, mas não possuía um canal de comunicação direto com os responsáveis pelos alunos mediados. Tal ação ocorria por meio da Psicopedagoga da referida instituição. No entanto, neste momento de Pandemia, a fim de construir instrumentos que me aproximassem dos meus mediados, entrei em contato com o Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) para pensar coletivamente num meio de evitar a segregação dos estudantes. Venho construindo, no bojo do Coletivo de Leituras e Investigações em Pedagogia Social (CLIPS) – Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Educação Escolar e Não Escolar organizadas à luz do campo do saber da Pedagogia Social, da Universidade Castelo Branco (UCB), a sensibilização sobre perspectiva social de deficiência, entendendo que a ela não é do sujeito, mas, sim, produzida pela sociedade no processo de construção de impossibilidades para que o indivíduo não consiga exercer seus direitos de maneira garantida. Frente a essa demanda social, eis que a sociedade precisa se libertar, emancipar e transformar – pilares da Pedagogia Social – a fim de ampliar a discussão sobre métodos, materiais, serviços e práticas educativas inclusivas desenvolvidas tanto em ambientes escolares quanto em espaços não escolares. Dentro desse panorama e buscando desenvolver maior autonomia nos meus mediados para que tenham independência na vida escolar, no trabalho e nos espaços de lazer, dentre outras dimensões que os constituem, fui construindo, por meio do WhatsApp, atendimentos aos mediados, estabelecendo contato com a família, construindo ternura, à luz da Pedagogia da Convivência, por acreditar que “a ternura é uma necessidade vital dos seres humanos e, conseqüentemente, deve sê-lo também em todo o processo educativo” (JARES, 2008, p. 40). E, nessa perspectiva, construir uma relação de ternura com a família é essencial, pois, ela tem o potencial de estabelecer grande parceria em prol do desenvolvimento dos educandos, construindo, assim, um trabalho colaborativo aos mediados. A fim de ilustrar este relato, cabe sinalizar que, com um dos estudantes que faço mediação, que possui Deficiência Intelectual, comecei a orientar a construção de redações através de áudios e chamadas de vídeo para buscar uma aproximação, não me esquecendo de palavras motivadoras e afetivas para reforçar aquilo que já conquistamos juntos, propondo, sempre, como uma estratégia, uma conversa informal baseada nos textos motivadores sugeridos pela

---

<sup>54</sup>Graduando em Pedagogia (UCB), mediador escolar da rede particular de ensino do Rio de Janeiro e pesquisador do Coletivo de Leituras e Investigações em Pedagogia Social na Universidade Castelo Branco (CLIPS/UCB).

plataforma de ensino da instituição. Após esse movimento inicial, redijo o texto que foi construído pelo estudante, a partir de sua apropriação, e encaminhado para os responsáveis – ampliando a rede de colaboração e de construção coletiva. A partir das contribuições de Freire (2018), entendo que o profissional da educação, quando fala com o discente, resgata-o dos arcaísmos da apropriação do seu próprio pensamento, oportunizando um processo de construção de conhecimento de forma participativa. E, neste contexto, ao acessar, diretamente, os responsáveis, pude dar um retorno individual acerca daquele mediado, agradecer pela parceria no processo de construção e, ainda, solicitar apoio para alguma demanda que eu ou, mesmo, o SAEE, percebesse como sendo necessária para o desenvolvimento da autonomia do estudante. Cabe sinalizar, neste desfecho, que essa prática educativa, dentro do campo da Educação Especial Inclusiva, envolvida por ternura com os mediados e os seus responsáveis, a meu ver, é de suma importância para a valorização dos Direitos Humanos, mediante uma intervenção na demanda que emerge do social (JARES, 2002).

## **O Cinedebate - EDUDIH na formação de professores alicerçados em um modelo de competências**

Stella Alves Rocha Da Silva<sup>55</sup>  
Raphael David Velozo da Fonseca<sup>56</sup>  
Ellen Brandão Torres Rosa<sup>57</sup>  
Ana Carolina Alves Amazonas<sup>58</sup>  
Bárbara Cristina Paulucci Cordeiro Martorelli<sup>59</sup>  
Rosimária Íris Alves da Costa<sup>60</sup>  
Sidnei Vale dos Santos<sup>61</sup>  
Quesia Alves Ferreira<sup>62</sup>  
José Lúcio Nascimento Júnior<sup>63</sup>

Uma das exigências atuais da educação mundial é associar a teoria e prática na formação do professor, como defende Paulo Freire (1921-1997) em diferentes trabalhos. Portanto, urge a inclusão de diferentes práticas na/da Universidade para a formação de docentes comprometidos com a inclusão social, a diversidade e o multiculturalismo. O projeto cinedebate do Observatório da Educação e Direitos Humanos da UNISUAM (EDUDIH) utiliza o cinema como caminho para a formação interdisciplinar. Objetivamos promover debates críticos e criativos sobre questões relevantes para a educação básica, incentivando práticas igualitárias e inclusivas e formar um grupo de estudos debatendo a práxis pedagógica e cooperar com o desenvolvimento do espírito crítico e ampliação do capital cultural dos estudantes, uma vez que eles foram instados a pesquisar e discutir sobre as temáticas abordadas nos filmes a que assistiram. Por ser um projeto que tem por finalidade a inclusão de grupos vulneráveis, nosso referencial teórico apoia-se na discussão de Paulo Freire (2011) sobre educação opressora e educação libertadora, no conceito de capital cultural e propostas educacionais do sociólogo Pierre Bourdieu (2015) e nas práticas discursivas de Fairclough (2016). Nosso projeto se enquadra na linha de pesquisa Direitos Humanos, Ética e Cidadania, e está em consonância com o Projeto Pedagógico da Escola de Licenciaturas UNISUAM que preconiza e incentiva o pensamento crítico, reflexivo e investigativo, com a finalidade de contribuir para a formação de pessoas que sejam cada vez mais autônomas, que gerem conhecimento

---

<sup>55</sup>Pedagoga e Mestre em Educação. Coordenadora da escola das Licenciaturas da (UNISUAM). Professora SEEDUC e UCB.

<sup>56</sup>Estudante do curso de Licenciatura em História (UNISUAM).

<sup>57</sup>Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia (UNISUAM).

<sup>58</sup>Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia (UNISUAM).


<sup>59</sup>Pedagoga e Mestre em educação. Professora UNISUAM.

<sup>60</sup>Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia (UNISUAM).

<sup>61</sup>Estudante do curso de Licenciatura em História (UNISUAM).

<sup>62</sup>Estudante do curso de Licenciatura em História (UNISUAM).

<sup>63</sup>Doutorando em História. Professor SEEDUC e UNISUAM.



Revista Caderno JENEPS – n.4 – vol.1 – 2021 – ISSN 2595-6787  
científico-tecnológico e que sejam protagonistas e agentes de mudança na universidade e na sociedade.

## **O ensino de crianças em vulnerabilidade: aprender ou não aprender, eis a questão**

*Yomara Barboza Duarte*<sup>64</sup>

Este trabalho objetiva refletir a respeito do processo de aprendizagem na Escola Municipal José de Anchieta, no Morro do Céu/Caramujo. O interesse na pesquisa surgiu a partir das aprendizagens adquiridas no Curso de Pedagogia Social e concomitante conhecimento de algumas crianças, estudantes da escola e residentes do bairro. Que após provocação da escrita e da leitura constatou-se as dificuldades demonstradas por elas nesses dois quesitos. Comprovação essa que tornou instigante investigar o espaço escolar pelo fato das crianças estudarem na mesma escola que seus progenitores. Para melhor compreensão, foi realizado resgate histórico da educação no mundo e no Brasil, perpassando pelos debates a cerca da DUDH, a CF/88, o ECA e a LDB. Acrescentou-se ainda o levantamento da história do bairro e da escola, além de diálogos com autores como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Margareth Martins, Leonardo Alonso, Hans-Uwe Otto e outros que tratam a respeito de ensino e da Pedagogia Social. E a partir da apropriação desses conteúdos, oportunizou-se aplicar questionário semiestruturado para pedagogo e professor que estivesse em atividade no ato de lecionar, e por conseguinte, visou-se entendimento da realidade através de discussão com autores e estudo a respeito do ensino de crianças em vulnerabilidade. No sentido do implementar de uma Educação enquanto direito à emancipação, já que o campo educacional é um espaço de correlação de forças, busca-se mitigar o discurso que apenas viabiliza uma transferência de informações para cumprir um currículo formal, ou seja, um oferecimento de “ensino pobre” para “pobres”. Freire é um autor que realiza críticas a respeito do ensino mecanizado e alienante, da narração de conteúdos, de uma educação denominada “bancária”. O que trouxe à tona o entendimento da necessidade de uma Pedagogia Social que atue nos abismos deixados pela educação. Pois, esta educação, em seu aspecto formal não tem alcançado de forma efetiva crianças em vulnerabilidade, o que agrava em momentos de crises. Esta pesquisa, em plena pandemia, compara a realidade à tragédia de *Hamlet*, de Shakespeare, com seu dilema. Em que de um lado as crianças em vulnerabilidade: aprender ou não aprender? e de, os educadores: ser ou não ser?

---

<sup>64</sup>Assistente social, Pós-Graduada em Pedagogia Social do século XXI - Universidade Federal Fluminense UFF.

**Os encontros presentes nos processos formativos de Educadores(as) Sociais em Acolhimentos Institucionais no Município de São Gonçalo – RJ**

Jacy Marques Passos<sup>65</sup>  
Arthur Vianna Ferreira<sup>66</sup>

A pesquisa tem como objetivo geral investigar os processos formativos de Educadores Sociais e intenciona compreender como se dão os encontros entre as práticas educativas realizadas e as demandas educacionais propostas pelas Políticas Públicas, Sociais e Educacionais, no Acolhimento Institucional do Centro de Acolhimento e Cidadania e Espaço de Reinserção Social Dandara em São Gonçalo/RJ. Dessa Forma, tem como fundamentação teórica, estudos acerca das políticas de acolhimento institucional, Nacional e Municipal, e do campo do saber, da Pedagogia Social. A pesquisa será de caráter exploratório e se analisarão as entrevistas semidirigidas e os registros das experiências dos educadores sociais.

---

<sup>65</sup>Mestrando do PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdade Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pedagogo / Educador Social e Especializado em Docência e Gestão do Ensino Superior (UNESA).

<sup>66</sup>Professor Efetivo do PPGEDU (Programa de Pós-Graduação em Educação), Doutor em Educação (PUC-SP) e Mestre em Educação e Cultura Contemporânea pela Universidade Estácio de Sá (UNESA - 2006).



## **Pandemia e seus benefícios digitais**

Suelen Vitória Bahia Pontes<sup>67</sup>

Monique Rodrigues<sup>68</sup>

Júnior Sampaio<sup>69</sup>

A pandemia trouxe muitos problemas financeiros, sociais, escolares e mundiais. Com muitas associações paralisadas, a escola se reinventa e traz importantíssimos avanços digitais. Na instituição Escola Fundamental Attila Moledo, os avanços foram inesperados através de vídeos, jogos virtuais, e-book, Google Meet, brincadeiras caseiras e familiares. Sendo assim, atendendo todas as classes e famílias. Uma verdadeira revolução educacional e digital.

---

<sup>67</sup>Graduanda em Pedagogia pela universidade Cândido Mendes. Formada no curso normal do Magistério pela Instituição Gênese. Formada em Inglês (Conversação - USA) pela The Place. Especialização em alfabetização para EJA e fundamental. Diretora Geral, coordenadora e professora do Projeto Blessed - atuante em reforços, preparatórios e inclusão. Professora das séries iniciais, atualmente na Escola Fundamental Attila Moledo. Professora de Inglês da One Soluções Educacionais (SG).

<sup>68</sup>Licenciatura Plena em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/ FFP). Professora do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Fundamental Attila Moledo (fevereiro 2013/atualmente).

Professora de Geografia da Escola Fundamental Attila Moledo do Fundamental II. Colégio La Salle Abel (Niterói) - Professora de Geografia do Ensino Médio. Professora do Ensino Fundamental I da Escola Fundamental Attila Moledo.

<sup>69</sup>Formado em Letras-Português/Inglês pela UERJ, em seguida ESPANHOL no ISAT. Pós-graduado em psicopedagogia na Cândido Mendes, hoje se dedica ao Mestrado em Bilinguismo na UFF. De início, passou por cursos CCAA, CNA, FISK e SKILL como professor, coordenador e diretor. Logo, comprando sua primeira franquia em 2010. Coordenador no pré-Vestibular na UFF, projetos do Novo Ensino Médio na Secretaria de Educação do RJ e na implantação de programas Bilíngues. Orientador da equipe de Coordenação do Attila Moledo e diretor de Ensino da One Soluções Educacionais.

## **Pedagogia da escuta: a prática docente e as vozes infantis nos Anos Iniciais**

Ingrid Gomes De Oliveira Da Venda<sup>70</sup>

Este trabalho aborda a importância do ato de escutar as crianças, com ênfase nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de pesquisa em andamento que tem como instrumentos metodológicos a realização de entrevista com uma docente que atua em escola da rede do município de Niterói e registros do período de estágio obrigatório em uma escola municipal da rede de São Gonçalo. Em diálogo com Rinaldi (2016), Malaguzzi (2016), Oliveira-Formosinho (2008) e Vigotski (2009), busco discutir a aprendizagem significativa e a escuta das crianças do Ensino Fundamental, entendendo-as como participantes da produção de conhecimento e sujeitos de experiências.

---

<sup>70</sup>Estudante de pedagogia (UERJ/FFP) e bolsista de monitoria da disciplina de alfabetização.

## **Quando o social e a poesia se encontram, o Rap surge: outras Pedagogias para pensar “a” e “além da” Pandemia**

Carlos César De Oliveira<sup>71</sup>

Estamos isolados fisicamente. Um isolamento que nos distancia das pessoas, mexe com os sentimentos, com as emoções, com as relações. Uma “pausa” (SCLIAR, 1997) obrigatória que nos leva a parar, refletir, reinventar-se. Quais os caminhos possíveis? Que outras pedagogias precisamos pensar para este momento pandêmico e para além dele, visto que ele avultou questões sociais que até então passavam despercebidas por grande parte da sociedade brasileira? Será que a “pausa” nos fez parar e enxergar melhor a realidade? Metaforicamente, “janelas” se abriram. Muitas. E as pessoas em frente às novas janelas, não mais as de casa, mas a do celular e do computador, olham-se, conversam, descobrem novas possibilidades de interação, de diálogo, de aprendizado. Outros fazeres. Nesse contexto, palavras como “Cuide-se!” “Proteja-se” (MV Bill, 2020), nos convidam a pensar em outras pedagogias: do “cuidado” (BOFF, 2000; 2001; 2012; ANTUNES; GARROUX, 2008), da “solidariedade” (FREIRE, 2018) e da “indignação” (FREIRE, 2000). É do meio dele que o rap surge (não somente neste momento de pandemia) como um espaço de ruptura do silenciamento, como voz que ecoa das comunidades periféricas. Vozes que fazem do encontro entre o social e a poesia uma forma de denúncia, uma reflexão acerca da realidade. Inquietado com tudo isso, com esse olhar atento de professor-poeta que trabalha com juventudes, começo a olhar “as” e “pelas” janelas em busca de poesia para trazer um pouco de alento para estes tempos difíceis. Abro uma janela que me diz que “A música é expressão do sentimento humano” e, portanto, é fundamental associá-la à Educação (PADILHA, 2020, n.p.). Para esse autor, “a arte nos ensina, nos sensibiliza, nos toca” e, por esse motivo, se apresenta como possibilidade, como instrumento para desenvolver o pensamento crítico. A partir dessa inquietação, passo a abrir novas janelas e encontro no rap – um dos vários subgêneros da chamada música popular urbana (SIMÕES; NUNES; CAMPOS, 2005) – elementos para (re)pensar outras pedagogias, outras possibilidades de educar, contextualizando-as com o social, com a expressividade e a criticidade que emana do rap, a partir das falas de sujeitos, a maioria jovens, das suas vivências, do seu cotidiano traduzido em poesia, no discurso rítmico que o rap tem. Assim, a partir das vozes, do olhar de jovens sobre a realidade (MCs), problematizo: de que maneira a poesia das/os rappers, suas “leituras de mundo” (FREIRE, 1987), podem contribuir para pensarmos práticas de reexistências em educação? Como essa poesia pode nos ajudar a pensar outras pedagogias, outros fazeres, para a/além da pandemia? Retorno às janelas (abertas a partir do Google) – espaços dos meus achados – aguçado por minha curiosidade epistêmica, por um “saber solidário” (BRANDÃO, 2016) que fez despertar a poesia e, por conseguinte, este estudo.

---

<sup>71</sup>Doutorando em Educação (PUC-Rio) e Educador Popular. E-mail: carlosoliveira.prof@gmail.com

Qualitativamente, ele se tece a partir do olhar sobre os versos das/os rappers, compreendendo que "cada um faz sua parte [...] cada um com sua arte" (SILVA et al, 2020), que eu não escrevo só por mim, pelo desejo de escrever, escrevo porque me senti instigado (e indignado) a partir das inquietações que eles/as suscitam. Escrevi porque me solidarizo e ao me solidarizar também Aprendo, Resisto e Espero. E neste esperar poético-social, construo a uma análise entrelaçando a poesia a alguns conceitos como: "conscientização", "denúncia", "sensibilidade", "amorosidade", "cuidado" "solidariedade" e "coletivo", visto se tratarem de categorias que atravessam as letras, resultando em uma análise crítica da realidade e no despertar de outras pedagogias das/com as juventudes e a serviço do social.

### **Registros de aula remota em meio à pandemia**

Rejane Peres Neto Costa<sup>72</sup>

Trata-se de um relato de experiência de uma professora da rede estadual de educação do Rio de Janeiro a partir das atividades remotas de ensino iniciadas com a suspensão das aulas presenciais em março de 2020 devido à pandemia causada pela Covid-19. O suporte para registro foram os diários on-line construídos entre os meses de abril a junho de 2020 pela professora e estudantes do ensino médio. Tais escritos comunicam os acontecimentos desencadeados pela crise e apresentam o cenário das atividades propostas para a educação escolar durante a quarentena, a participação nas atividades remotas, suas condições de vida, expectativas e anseios.

---

<sup>72</sup>Mestra em Educação (UFRRJ), Professora da rede municipal e estadual do Rio de Janeiro.

## **Um relato de experiência sobre Alegria Cultural em tempos de Pandemia: a Experiência do Movimento Círculos Populares**

Wandick Nogueira Maciel (autor)<sup>73</sup>

Diego Martins Maciel<sup>74</sup>

Cleilson Almeida<sup>75</sup>

O objetivo do trabalho é apresentar aspectos da “Alegria Cultural” (SNYDERS, 2008) no Círculos Populares durante a pandemia da Covid-19, mormente no período de março a agosto de 2020. O Movimento é majoritariamente formado por jovens. O campo empírico foi a Serrinha, bairro pertencente à periferia de Fortaleza - Ce. Para Snyders (2008), não há cultura sem tomada de consciência do atroz. No Círculos Populares, a Alegria Cultural foi provocada por diversas atividades de solidariedade direcionadas aos moradores do bairro Serrinha. O referencial teórico-metodológico que irá orientar nosso trabalho é o materialismo histórico desenvolvido por Marx e Engels (2007). Com efeito, estaremos trabalhando com a noção produção material da existência.

---

<sup>73</sup>Pedagogo formado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>74</sup>Graduando em Letras (UNILAB).

<sup>75</sup>Graduando em Filosofia (UECE).

## **Ser educador social na educação não escolar: reflexões a partir da pandemia**

Elisangela Trevisan<sup>76</sup>

Fernanda dos Santos Paulo<sup>77</sup>

No período de pandemia está se fortalecendo, via as inúmeras lives, a organização de uma rede de educadores sociais que apostam que o reconhecimento da profissão perpassa pela formação. Pelos estudos realizados, não há pesquisas que tratam do aspecto metodológico no/do trabalho dos educadores sociais que atuam em contexto não escolar, vinculado a uma política social. Um primeiro contato com educadores sociais possibilitou pontuar que um dos desafios é a formação intersetorial de educadores em diálogo com as dimensões política, sociológica e pedagógica.

---

<sup>76</sup>Mestranda em Educação (UNOESC) e Educadora Social.

<sup>77</sup>Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos, Bolsista Capes - Proex (2014-2018).

## **Socioeducação em tempos de COVID-19: experiência no interior de Minas Gerais - MG**

Sílvia Danizete Pereira Barbosa<sup>78</sup>

Tomando-se como socioeducação o processo pedagógico-formativo de responsabilização de adolescentes e jovens que cumprem medidas socioeducativas, este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciada em uma unidade socioeducativa de internação no estado de Minas Gerais durante os dois primeiros meses de isolamento social decretado em função da pandemia de COVID-19. Em meio às precariedades acentuadas por este contexto, foi necessário elaborar novas estratégias e metodologias de atendimento aos jovens internos, sobretudo com atividades práticas em oficinas de artesanato e oficinas profissionalizantes. Objetiva-se, assim, apresentar o trabalho realizado em uma oficina de fabricação de máscaras descartáveis que teve como participantes uma Agente de Segurança Socioeducativa (instrutora) e sete adolescentes (colaboradores) que diante de todo o contexto vivido aceitaram a proposta de confeccionar máscaras descartáveis para os profissionais que atuam nas unidades socioeducativas de internação espalhadas pelo estado. Todo o relato busca respeitar os princípios éticos de resguardar as identidades dos internos e apresenta em suas considerações finais a importância de se explorar novas oportunidades de oferecer educação profissional em ambientes destinados à socioeducação.

---

<sup>78</sup>Doutoranda em Linguagens e Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Servidora efetiva da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais trabalhando em Centro Socioeducativo de Internação com adolescentes e jovens do sexo masculino. Professora Universitária no Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM.



### **Sonhando e empoderando: grupo de Mulheres CREAS (Ano 2018)**

Martiane Ferreira De Melo<sup>79</sup>

O grupo de mulheres “sonhando e empoderando” realizado no ano de 2018 pelo Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) foi uma das atividades do Plano de ação do equipamento como a finalidade no atendimento de mulheres vítimas de violência. O planejamento do grupo foi realizado por duas educadoras sociais, concursadas e de nível médio, uma com formação em Direito e com especialização em Rede de Proteção e violência doméstica e de gênero e outra graduanda em Serviço Social. O planejamento realizado foi apresentado em reunião para a equipe técnica de referência para aprovação e sugestões, sendo as participantes do grupo indicadas pelos técnicos de nível superior (Assistente Social e Psicólogo). O grupo foi planejado para participação de 8 mulheres em um ciclo de 6 encontros com atividades que pudessem trabalhar as perspectivas “sonhar, planejar, realizar e empoderar”, as mulheres foram primeiramente chamadas para participar de um café, onde foram informadas da proposta do grupo e receberam convite com datas das atividades. O grupo teve uma adesão de 5 mulheres, além de seus filhos que também faziam atividades paralelas enquanto suas mães participavam dos encontros. Os encontros aconteciam quinzenalmente, tendo o auxílio de 2 facilitadoras convidadas, os estagiários de nível médio e de psicologia. Os encontros puderam proporcionar as mulheres uma maior vinculação com o equipamento, bem como com os profissionais que as atendem, o grupo possibilitou ser um espaço de escuta, acolhimento, de troca de experiência, além de levantar demandas das necessidades das mulheres e de suas famílias. Observou-se a importância dessas atividades para todas as idades, sobretudo para mulheres em situação de violência, pois o espaço propiciou trabalhar o empoderamento delas, bem como a compreensão das violências vividas, sendo o atendimento realizado de maneira integral, olhando a mulher não só pelo fato que lhe aconteceu, mas compreendendo todo o contexto da mulher e sua família, fazendo-as perceber que há possibilidades de quebra do ciclo de violência, bem como de haver um vislumbre de novas perspectivas e de mudança de vida.

---

<sup>79</sup>Bacharel em Direito (UNISANTACRUZ), educadora social e técnica da escuta especializada do núcleo municipal da infância e adolescência de Fazenda Rio Grande-PR.

## Um retrato da pandemia: desdobramentos escolares e universitários

Patricia Flavia Mota<sup>80</sup>  
Elisangela Da Silva Bernado<sup>81</sup>

O presente estudo pretende trazer, à esteira deste debate, uma reflexão sobre a organização do trabalho administrativo e pedagógico pela gestão escolar em tempos de pandemia e acesso dos estudantes às propostas formativas. Neste sentido traremos à discussão os estudos de Gino e Bernado (2018) que abordam a gestão democrática como possibilidade de utopia social, Mota (2020), que apresenta a chegada da pandemia nos contextos educacionais, Sirino e Mota (2020), que apresentam um dossiê, em construção, compartilhando os diversos olhares sobre o contexto de pandemia que ainda vivenciamos e Santos (2020), que contribui para o debate ao trazer uma discussão sobre as outras crises que emergem nesta contemporaneidade. Direcionaremos, portanto, o nosso olhar para o trabalho de gestores e professores no que tange às demandas que surgem, sobretudo no contexto de vulnerabilidade social no qual muitos estudantes estão inseridos. Trazemos, a princípio, a realidade de alunos da rede pública de ensino e os movimentos que a pandemia gerou no contexto educativo. O primeiro movimento de estudantes está associado ao Adia Enem que mostrou, segundo Santos (2020), que a pandemia atinge a população de forma diferenciada.

Neste momento de crise mundial, visualizamos setores da sociedade incentivando a realização do ENEM, enquanto milhares de estudantes de rede pública estavam sem estudar devido ao fechamento das escolas. O Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM foi adiado, entretanto, com data agendada para janeiro de 2021, desperta, na sociedade, discussões sobre o acirramento das desigualdades educacionais nos contextos de vulnerabilidade social. O governo sinaliza que há a possibilidade de realização do exame, mas os estudantes das redes públicas, conforme averiguado nas notícias e relatos, nem sempre dispõem de internet e equipamentos para acessar as atividades remotas. No ensino superior não foi diferente, as atividades remotas, por exemplo, começaram a ser dinamizadas no mês de agosto, após consulta aos estudantes, avaliação de abaixo-assinado e organização de aulas síncronas e assíncronas, na perspectiva de atender às dificuldades apresentadas pelos alunos de graduação e pós-graduação. Nesse sentido, gestores escolares e acadêmicos e professores entram em cena buscando alternativas que possibilitem o acesso dos estudantes a propostas educativas em tempos de pandemia. Considerando que muitos estudantes não tiveram/têm acesso às tecnologias, sobretudo aqueles que vivem em regiões mais periféricas, o estudo apresenta relevância, uma vez que trará reflexões acerca dos movimentos que emergem do “chão” desses espaços para, de alguma forma, retomar/dinamizar os processos formativos.

---

<sup>80</sup>Doutoranda no PPGEdu (Unirio), Mestra em Educação (UERJ-FFP) e Professora na Universidade Castelo Branco.

<sup>81</sup>Pós-doutorado (UFRJ), Doutora em Educação (PUC-RJ), Professora na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

# Pandemônio literário

## UM DIA...

Adriana Santana

Um dia em que o mundo parou  
Uma tal pandemia que no mundo ecoou...

Um dia que as diferenças sejam ela econômica, gênero e de cor  
Sem pedir licença o corona vírus afetou.

Um dia em que se projetava o futuro  
Mas que nada tudo se tornava obscuro

Um dia que achávamos que tínhamos a verdade absoluta  
Que nada iniciávamos uma luta

Um dia em que a dor, a angústia...  
e o medo atormentou  
Mas será que tudo isso acabou?

Um dia que o amor, alegria e confiança  
Trouxeram-me esperança

Um dia que o beijo, abraço e aperto de mão  
Não podiam não!  
Mas houve solução

Um dia em que o carinho a distância  
Foram dados pela telinha a pessoas que nos dão importância

Um dia em que a vida nos ensinou, ela é curta!  
Para que tentarmos viver uma verdade absoluta.

## RELATO DE UMA PROFESSORA

Carien Brondi

Uma loucura diária, correria insana, horários, alunos, registros, filhos, casa, família...

De repente parece que o mundo parou!

Nunca imaginei o sentido de isolamento social, mesmo algumas vezes querendo ficar isolada do mundo.

Angústia e insegurança misturada com descanso e lazer, uma loucura de sentimentos.

Percebi o quanto minha vida era desconectada, presa a rotina do trabalho. Daí o jogo virou...

Tinha que estar totalmente conectada agora, para lidar com o trabalho de casa. Viver tudo aquilo que sempre quis ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Dona de casa, mãe, professora, mulher, esposa... Tudo exatamente ao mesmo tempo! Várias vezes tentei organizar uma rotina que atendesse todas as demandas... Impossível.

Percebi que nem sempre conseguimos controlar tudo, tive que me reinventar todo dia um pouco, pra não surtar!

Vivo dias incríveis, e dias terríveis comigo mesma, tentando ver o melhor de cada momento.

Aprendi a respirar!

Pude devido a pandemia, acompanhar as primeiras palavras escritas do meu pequeno, que emoção, indescritível. Percebi o quanto a correria do dia a dia massacra algumas relações.

Percebi o quanto ter tempo para estudar faz falta. Que nem tudo tem a ver com tempo, mas com construção.

Aprendi que estar distante dos alunos, faz com que meu trabalho perca um pouco do sentido, porque educação é interação.

Aprendi tantas coisas que não sei colocar no papel, mas que me transformaram como ser humano. E escrevendo agora notei o quanto tudo

isso, vivências e experiências podem ser valiosas, depende do ponto de vista.

Acredito que quando tudo isso passar, não seremos mais os mesmos, as relações não serão mais as mesmas, tudo vai ter um novo sentido. Algumas coisas serão mais valorizadas e intensas, outras serão reconstruídas com o tempo.

## RESENHA HISTÓRICA DE 2020

Elisabete Cardoso

Vidas negras importam!

Vidas indígenas

importam! Vidas

brancas importam!

Vidas, vidas e vidas

importam!

Importar... sentimento que nunca tinha sido tão relevante nas pessoas do mundo.

Mundo... o mundo com a pandemia, o isolamento, a crise econômica convulsionou, Obrigando a nós refletirmos sobre tudo o que vivemos durante o ano de 2020.

2020... tatear, vislumbrar o futuro próximo por meio do discurso

Científico, político e social. Social...A sociedade está sendo desligada

por um vírus que está querendo nos matar!

E me pergunto! Será que o que será estamos vivendo pode ser um sinal, uma lição, um temor?

Temor...de não poder encontrar, abraçar, beijar, conversar e nem mesmo tocar seus entes querido , seus amigos. De não podemos recebê-los em nossas casas, e nem reencontra los na escola.

Escola... vazias, empresas... vazias, Shoppings, cinemas, Teatros, bares e

Restaurantes vazios. Vazios...Também estão os milhares de leitos, que antes da morte chegar estavam lotados.

Lotação... nos lares aonde jovens, crianças, adultos idosos convivem em isolamento durante a pandemia do medo.

Medo... Ah o medo! Esse sim foi e continua sendo o sentimento dominador

Revista Caderno JENEPS – n.4 – vol.1 – 2021 – ISSN 2595-6787  
sem distinção de gênero, raça ou posição social.

Posição social... é o que fica de legado para as grandes potências mundiais que notaram que mesmo todo o seu poder bélico de armamento não foram capaz de tirar tantas vidas em tão pouco tempo.

Tempo... esse fez com que nós seres humanos começa-se a valorizar o que realmente é importante e fundamental em nossas vidas.

Vidas... amar, respeitar, perdoar, agregar e acreditar de que dias melhores virão. Enfim...

Mudar e melhorar são duas coisas diferentes significando quê?

“O mais importante dá vida não é a situação em que estamos vivendo e sim a direção no qual iremos tomar”



## VAIPASSAR

Fernanda Rocha

O ano é 2020.  
Com um início cheio de sonhos.  
Repleto de desejos e projetos.  
É uma palavra a nos guiar...  
ESPERANÇA!

Mas... Ninguém imaginou.  
O mês de março chegou.  
Com ele um vírus que nos preocupou.  
A tão temida pandemia se instalou.  
E ela nos abalou.

Escolas fechadas,  
Crianças trancadas,  
As ruas paradas,  
Os comércios interditados,  
E o povo desempregado.

O COVID 19 trouxe consigo incertezas;  
Nenhuma beleza;  
O medo latente;  
Pela vida e pela família da gente.

Vale ressaltar...

Que o mundo parou...

O ar se limpou.

A água se purificou.

A natureza floresceu.

E a fauna nos encantou.

Muitos ensinamentos com a pandemia surgiu.

Olhar para o outro como jamais se permitiu.

Compreender sua dor, suas perdas e suas tristezas.

Ter empatia e compartilhar suas incertezas.

Juntar forças para encontrar fortalezas.

Muitos meses se passarão

O fim do ano se aproxima.

Muitas dúvidas ainda permeiam.

A luta continua.

Com a ESPERANÇA de que.

Logo VAIPASSAR!

## FÉ

Leideni Nobre

Vivendo um tempo jamais esperado, são dias difíceis de muita angústia!

Estamos em casa de quarentena, nos vemos presos sem liberdade de sair para trabalhar, estudar ou passear.

Tudo que nos resta é lutar contra esse vírus que percorre o mundo tirando vidas sem dó, são milhões de vidas perdidas, um surto que contamina crianças, idosos e pessoas de todas as idades que infelizmente parece que piora a cada dia.

Perdi amigos e conhecidos, não tem sido fácil lidar com tantas perdas.

É claro que tem dias que a única vontade que tenho realmente é de não levantar da cama, não sei explicar direito, são turbilhões de sentimentos inexplicáveis.

Mas acreditar que existe um Deus que nos dá forças para superar e acreditar que tudo isso vai passar é o que me faz levantar e viver com garra mesmo sabendo que não será fácil.

Orar e pedir a Deus que nos guarde e nos proteja desse vírus é o que nos resta a fazer.

E a cima de tudo **FÉ** que tudo vai passar.

**VAIPASSAR!!!**

## APRENDIZADO

Melissa Tosti

Esse foi um ano que aprendemos muito!  
Aprendemos a ter paciência,  
Aprendemos a sermos gentis com nós mesmo,  
Aprendemos a ficar em casa cuidando dos nossos,  
Aprendemos a administrar os nossos sentimentos,  
Aprendemos a ouvir, amar, respeitar!  
Foi um ano que choramos perdas,  
Choramos pela rotina interrompida,  
Pelas notícias!  
Choramos... e sentimos saudades,  
Saudades de estarmos perto das pessoas que amamos,  
Saudades, dos parentes, amigos.  
Acreditando que isso vai passar!

## FOI FÁCIL?!

Tamires Lima

Em um ano com apenas dois números 2 e 0. Vivemos o novo, não foi fácil!

Ficamos em casa, onde aprendemos um novo jeito de viver, reaprendemos a nós relacionar, no entanto, não foi fácil!

Mas, em família vencemos nossos medos e fortalecemos nossos laços afetivos, muitas vezes atropelados pela rotina, e não foi fácil!

Porém, 2021 tá aí!! E lá vamos nós para mais um ano novo, será ele comum ou viveremos o novo normal tão falado?

Será que será fácil?!

## PERMITA-SE TRANSFORMAÇÕES

Paulo Correa

Ano que mais teve mudanças em nossas vidas!

Angústia, medo, perdas e ganhos, descobertas, êxitos e dúvidas!

Vivendo. Um. Dia. De. Cada. Vez.

Traçando um futuro quase que o ultrapassamos!

E que venha um 2021 melhor!

E que as pessoas tenham tido um aprendizado e traçado novos percursos em suas vidas!

## OCO PEJADO

Lucy Oliveira Silva

Dias roubados  
De abraços sem fim.  
Todos distantes  
Tão perto de mim.

Amores perdidos,  
Conceitos torcidos,  
Sonhos interrompidos.

É o fim?

Fim de um tempo  
Que não voltará.  
Do amor  
Que não se consumará.  
Da avó cujo neto  
Não conhecerá.  
Da mãe  
Cujo filho à luz não dará.

Passos aflitos, passos dispersos  
Marchando num chão  
Marcado por medo e desdém  
De qualquer multidão.

Não abrace!  
Não aperte a mão!  
Sustenta tua máscara,  
De tecido,  
De ironia,  
Ou de total hipocrisia.  
Porque a vida se tornou descartável, quem diria?

É o tempo do NÃO.

NÃO me toque!  
NÃO fale comigo!  
Apenas clique de seu abrigo!

Alguém me explica  
Se devo parar,  
Se sonho acordada,  
Se posso esperar?

Porque a vida que há em mim  
Desespera-se  
Pelo Poder que se omitiu,  
Pelo espaço necessário  
Que o bom senso não garantiu.

E chora

Pela partida  
De quem  
Não resistiu.

Tanta incerteza...

Solitário sofrer.

Se amo,  
Se odeio,  
Já não importa.

Só quero  
Poder estar  
Com você.



## BIOGRAFEMA DO AINDA: ENSINO REMOTO, A VIDA SERÁ PRESENCIAL OUTRA VEZ?

Leidiane da Conceição Barros

Entre textos, reuniões e aulas síncronas e assíncronas, eu penso. Sinto saudades da correria que antes me cansava. Pegava ônibus, subia as escadas: boa tarde, professora. Agora ligo o computador, abro a plataforma e passo horas a ser autodidata. Será que o presencial será uma escolha possível outra vez? Será como era antes? Não sei, mas a minha formação pedagógica está sendo marcada por traços do que eu pensava só ver no futuro, um futuro que já não parece tão distante assim.